

LUTERO E A REVOLTA DOS CAMPONESES

Denice Dumas Pereira Da Silva, Gerson Leite De Moraes

RESUMO

O presente trabalho visa abordar alguns aspectos da Reforma Luterana e, principalmente, sobre a Revolta dos Camponeses em que Lutero esteve envolvido. Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica e visa mostrar a grande revolta que se instalou na época de Lutero, época em que se iniciou a Reforma Luterana na Alemanha. Com a tradução da Bíblia para o alemão, principalmente o Novo Testamento, ficou muito evidente como os Camponeses eram explorados e ludibriados com estórias fantasiosas sobre a religião. Eles passaram a conhecer como o evangelho era simples e como também era simples a vida dos grandes pregadores na época da igreja primitiva. Isso fez com que uma revolta se levantasse contra todo o feudalismo e também contra a Igreja da época. Os revolucionários se organizaram a fim de guerrear com possibilidade de vitória mas infelizmente, não foi o que aconteceu. Lutero não ficou ao lado dos camponeses e depois de muita luta e muito sangue derramado, tudo praticamente voltou a ser como antes ou até pior.

Palavras-Chave: Camponeses, Lutero, Protestante, Reforma.

ABSTRACT

The objective of this project is to enlighten about the Protestant Reformation, particularly the Great Peasants' Revolt, in which Martin Luther played his party on it. This project is based on bibliographic research, and it comprehends the Great Revolt that happened while Luther was initiating the Protestant Reformation in Germany. The translation of the Bible into German, specially, the New Testament, makes it noticeably clear that the peasants were exploited and deceived with fanciful religions stories. They discovered how simple the Doctrine of Jesus Christ is, and as well as how simple the lives of the famous preachers were. Due to that reason, a revolt against all the feudalism and the church has begun. The revolutionaries joined forces in the hopes of winning; however, it was not the case. Martin Luther did not support the peasants and after all the fighting and bloodshed, everything was back to normal, if not worse.

Keywords: Peasants, Martin Luther, Protestant, Revolt.

I. AS CAUSAS DA REFORMA

Durante o século XIII, o papado passou por tristes circunstâncias e perdeu o respeito dos cristãos ocidentais, ocorrendo uma decadência papal. Inocêncio III sonhava com a união do povo cristão sob a liderança de um único pastor mas seus sonhos não se realizaram. Devido a corrupção do papado e da igreja como um todo, apareceram muitos movimentos de reforma, isso muito antes de Lutero e da Reforma Protestante (GONZALEZ, 2011, pp. 448-449).

Earle Cairns também fala sobre o fracasso do clero e do problema do domínio feudal:

Entre 1309 e 1439, a Igreja Romana desceu a um ponto muito baixo no conceito dos leigos. A organização hierárquica, com suas exigências de celibato e obediência absoluta ao papa, e a feudalização da Igreja Romana provocaram um declínio na moral e na moralidade dos clérigos. O celibato contrariava os instintos naturais do homem e as afirmações bíblicas a favor do casamento. Muitos sacerdotes tomaram concubinas ou se perderam em casos de amor ilícito com mulheres de suas congregações. Alguns tiveram de enfrentar o problema de cuidar dos filhos nascidos dessas uniões e davam mais atenção a eles que a suas tarefas clericais. Outros, especialmente durante a Renascença, gozaram de uma vida de luxúria. O feudalismo era ainda um problema porque a dupla obediência ao papa e ao senhor feudal criava uma divisão de interesses em muitas situações. Os clérigos dedicavam mais tempo às suas responsabilidades seculares do que às suas tarefas de ordem espiritual (CAIRNS, 2008, p. 219).

Em meados do século XIV e na virada do século XV, com o surgimento da Burguesia, no contexto das últimas cruzadas, que antes não significava nada diante do clero e também da nobreza, passaram a ganhar dinheiro fora do sistema de agricultura que antes era o único meio de ganho, porque somente a terra é que tinha valor. Essa burguesia deixou de servir aos grandes senhores feudais para se tornarem comerciantes e passaram a exercer outras funções que outrora não existiam.

A partir do ano de 1347, a Europa Ocidental foi tomada subitamente pela peste

bubônica¹. Isso fez com que a economia na Europa, que outrora estava se expandindo, estancasse no início do século XIV. As consequências dessa praga foram enormes tanto no aspecto econômico quanto no aspecto religioso.

No aspecto econômico, houve lugares em que a falta de mão de obra, aumento dos preços e falta de compradores geraram sobra de produtos e consequentemente desemprego. Todos esses fatores negativos desencadearam um desequilíbrio econômico e instabilidade política de grandes proporções. Em Paris, na Inglaterra e em Flandres houve revolta de populares. Na França, essas revoltas tomaram proporções tão grandes que precisaram de todo o apoio do poder da coroa francesa. Devido à retração do mercado, mestres artesãos não queriam ensinar o ofício aos aprendizes para que não tomassem seus lugares, de sorte que o clima era tenso entre os mestres, aprendizes e diaristas. As greves se tornaram muito frequentes.

No aspecto religioso, a peste bubônica também provocou muitos estragos. Como a doença atacava pessoas que estavam perfeitamente sãs e muito rapidamente as matava, apareceram muitas dúvidas quanto à capacidade da mente humana de entender os mistérios da existência (GONZALEZ, 2011, p. 449). Os ricos começaram a peregrinar para outros lugares como Terra Santa, Roma e Compostela. Aumentou a superstição entre o povo menos civilizado. O povo pobre procurava santuários mais próximos considerados mais eficazes para conter a peste. Aumentou o culto às relíquias e essa prática avançou para a Idade Média. O tema morte passou a ser de grande preocupação, visto que até jovens poderiam ser acometidos da peste e morrer a qualquer momento. Como diz Gonzalez, “a morte era o acompanhante secreto e constante de todo ser humano” (2011. p. 452).

A morte passou a ser tema constante tanto na literatura quanto na arte, e em grande parte dos casos era representada como sendo vitoriosa. Em decorrência desses fatos começou a pensar que Jesus Cristo se apresentaria mais como um juiz do que como um redentor, salvador. Pensavam também que a ira de Deus estava presente na epidemia e também na fome. Essa peste ocasionou também maior inimizade entre os cristãos e judeus. O povo saiu perseguindo as bruxas e os gatos, porque diziam que eram amigos das bruxas. Mataram muitas mulheres que

¹ Peste bubônica ou Peste Negra é propagada por pulgas que, depois de picar ratos infectados a transmitem aos seres humanos. Sua origem não foi conhecida, é possível que o surto inicial tenha se dado a partir de pulgas que se hospedaram em marmotas comercializadas no sul da Rússia. A epidemia se espalhou de maneira contumaz depois que atingiu a população de ratos do Mediterrâneo. A peste se alastrou pela Europa através das embarcações mercantis italianas. Pessoas contaminadas transmitiam a doença através da tosse e espirros. Quando a bactéria se estabelecia na corrente sanguínea, a peste se apresentava na forma de duas variantes: a pneumônica e a bubônica, esta última acometia primeiramente os gânglios linfáticos que apresentavam inchaço. Após o ataque das pulgas começavam a aparecer manchas negras ou pequenos tumores na pele com pus e que sangravam. O doente também apresentava tosse, que no estágio final da vida era com puro sangue (WACHHOLZ, 2020).

julgavam serem bruxas. Mataram também muitos gatos, o que ocasionou o aumento dos ratos, transmissores da doença.

(...) Papa Gregório IX também emitiu a bula papal *Vox in Rama* que discutia o uso de gatos pretos por uma suposta seita herege da Alemanha. Após o decreto, deu-se início a um massacre de gatos, que a partir dali passaram a ser vistos como demoníacos, ou a própria personificação do diabo. O povo não demorou muito para começar a matar e torturar os felinos, principalmente os pretos. É possível que a ideia de que gatos pretos dão azar, possa ter surgido desse terrível episódio de fanatismo religioso.
(...)

Com gatos sendo massacrados devido a crenças religiosas infundadas, houve uma enorme explosão no aumento da população de ratos em toda a Europa. Estes roedores eram os hospedeiros ideais para as pulgas que abrigam as bactérias *Yersinia pestis*, causadoras da peste. Esse foi um dos fatores que contribuíram para uma das mais devastadoras pandemias na história humana, a peste negra que matou cerca de 200 milhões de pessoas na idade média. Os Inquisidores da época acabaram cavando a própria cova enquanto pregavam a morte àqueles pequenos felinos (ELÍSIOS, 2020).

Isso não acontecia entre os judeus, de sorte que os cristãos passaram a pensar que os judeus é que estavam transmitindo essa doença, envenenando os poços, e por causa disso houve muita matança.

(...) A perseguição aos judeus é um fenômeno antigo e remonta ainda ao período do Império Romano. Por causa da perseguição dos romanos – dominadores da Palestina, os judeus fugiram da região e espalharam-se pelo mundo, estabelecendo-se principalmente na Europa.

No continente europeu, durante o período da Idade Média, essa perseguição estava muito relacionada a questões de ordem religiosa, por causa das diferenças entre os católicos e os judeus e pelo fato de estes serem vistos como os algozes de Jesus Cristo.

Assim, durante a Idade Média, os judeus, muitas vezes, tornavam-se bodes expiatórios para explicar determinados acontecimentos e, por isso, eram vítimas de perseguição. Um desses momentos foi a Peste Negra, (...). Os judeus foram acusados de serem os causadores da peste, e os historiadores relataram vários casos de ataques contra comunidades judias na Europa desse período.

Essa perseguição também se refletia de outras maneiras, com os judeus sendo proibidos de exercer determinados ofícios e ficando reclusos a trechos específicos das cidades onde moravam. Por fim, o antissemitismo presente na Europa durante o período medieval pode ser exemplificado pelo fato de que foram expulsos de diversos países. A Espanha expulsou os judeus em 1492, e Portugal, em 1497 (...) (SILVA, Brasil Escola).

Com a modernização das grandes nações e a artilharia pesada nas guerras, estas se apresentaram muito mais sangrentas. A destacar a guerra dos Cem Anos que teve como causa

inicial a questão da sucessão à coroa francesa. Quando Filipe IV morreu deixou três filhos que também morreram sem deixar descendência masculina. Por ocasião da morte de Carlos IV, o último filho de Filipe IV, se apresentou a questão da sucessão. A França coroou Filipe de Valois, sobrinho de Filipe IV (GONZALEZ, 2011, p. 455). Isso gerou conflito com a Inglaterra que julgou que seu rei, Eduardo III, era o herdeiro legítimo da coroa. Isso fez com que o parlamento inglês e também Eduardo III enviassem uma delegação à França para reclamar a coroa. Os ingleses entenderam que como Eduardo III era filho de Isabel, também filha de Filipe IV, este deveria ser o herdeiro da coroa. Porém, o rei da França, Filipe VI de Valois, alegou que a descendência pela linha masculina deveria ser preferida à feminina.

Primeiramente, a guerra iniciou-se entre França e Inglaterra. A Inglaterra se mostrou mais forte e preparada que a França porém, em 1346, após a Inglaterra tomar Calais², precisaram abandonar a batalha, porque a peste bubônica tomava toda a Europa (GONZALEZ, 2011, p. 457). Quando voltaram a guerrear, Filipe VI já havia morrido. Seu filho João II foi quem enfrentou os ingleses agora comandados por Eduardo, príncipe de Gales, filho de Eduardo III e que recebeu o nome de “Príncipe Negro” devido à cor de sua armadura. A Inglaterra derrotou a França e capturou o rei João II que foi preso e levado para a Inglaterra. Em 1360 o rei João foi libertado com a assinatura do tratado de Brétigny. Por este tratado, Eduardo III renunciava à coroa da França que pagaria à Inglaterra três milhões de escudos e ainda daria a soberania sobre Calais e parte da Aquitânia.

A guerra se tornou endêmica. Após o tratado de Brétigny, diversos bandos de mercenários chamados “companhias brancas” estavam espalhados pela França e, depois do tratado de paz, ficaram “desempregados”. Carlos V, sucessor de João II, os enviou para Castela (GONZALEZ, 2011, p. 458) onde estava Pedro, o Cruel, que matou ou mandou matar diversos nobres, enviando outros para o exílio. Dentre estes últimos seu irmão bastardo Henrique de Trastâmara, que teve sua mãe assassinada por Pedro. A crueldade do rei de Castela enfureceu os franceses após as notícias de que sua esposa Branca de Bourbon, princesa francesa, havia morrido de forma misteriosa. A França enviou cavaleiros franceses e também “companhias brancas”, liderados por Henrique de Trastâmara, um grande exército para vingar a morte de sua princesa. O dinheiro para esta empreitada veio da coroa francesa e também do papa. Pedro, abandonado pela nobreza, fugiu para Portugal e posteriormente para Baiona, na Espanha.

O Príncipe Negro ofereceu apoio para Pedro, o Cruel, com a finalidade de derrotar Henrique de Trastâmara que lutava pela coroa de Castela e pela França. O Príncipe Negro derrotou

² Importante cidade francesa que foi tomada na batalha de Crécy. Os arqueiros ingleses se mostraram muito eficientes e derrotaram o exército da França.

Henrique de Trastâmara, após cruzar os Pirineus em Roncesvales e também com a ajuda do rei de Navarra, e restaurando o trono de Castela a Pedro.

Pedro era muito indisciplinado e cruel, de sorte que o Príncipe Negro resolveu deixá-lo à sua própria sorte seguindo com seu exército para Aquitânia. No entanto, Henrique de Trastâmara ainda não havia desistido de seus propósitos, e voltou a pedir auxílio para a França, que lhe concedeu. Com este apoio que recebeu da França, Henrique de Trastâmara voltou para Castela, derrotou seu oponente Pedro, e passou a ser o rei de Castela.

A aliança formada pela França e Castela alterou o rumo que a guerra vinha tomando. Com a ajuda de Castela, a França se tornou mais poderosa. Em 1372, na batalha de La Rochelle, os castelhanos derrotaram os ingleses, destruindo toda a sua tropa. A Inglaterra perdeu poder, em dois anos ela só ficou com a possessão de Calais, Bordeaux, Baiona e outros de menor importância dentro do continente. Em 1375 foi declarada uma trégua que duraria até 1415, e Eduardo foi constrangido a aceitar.

Em 1377 morreu Eduardo, o Príncipe Negro. Seu sucessor foi Ricardo II, seu filho. Durante todo o reinado de Ricardo II e Henrique IV houve guerra entre a Inglaterra e a Escócia, com muitas rebeliões e movimentos populares, o que atrapalhou o embate contra a França.

O filho de Henrique IV, Henrique V, foi o que destruiu as rebeliões na Escócia e imediatamente após este feito, se dispôs novamente a lutar contra a França, invadindo-a pelo Sena. A França estava desestruturada por causa da loucura do rei Carlos VI, e também pelo fato de os partidos “borguinhões” e “armagnacs” disputarem a regência. A França evitou o combate inicialmente, mas, depois resolveu enfrentar a Inglaterra, visto que seu exército era maior. A Inglaterra se mostrou superior e venceu a França na batalha de Agincourt em 1415. Porém, os ingleses, mais uma vez, se viram impossibilitados de continuar lutando porque lhes faltavam recursos financeiros e seu exército ficou muito desfalcado durante o período que estiveram na França. De toda forma, Henrique se mostrou satisfeito com o ocorrido e disse ao povo que a vitória de Agincourt demonstrava que Deus estava do seu lado e que “aos olhos de Deus a coroa francesa lhe pertencia” (GONZALEZ, 2011, pp. 458-459).

Muitos outros episódios aconteceram durante esse longo espaço de tempo, sobretudo muita hostilidade. Ao final desse período, à França restou apenas Calais. “A partir de 1453, a Guerra dos Cem Anos se limitou a pequenas escaramuças, até, que, por fim, foi firmada a paz em Picquigny, em 1473”. Durante esse período de cem anos, houve resultados determinantes para a igreja. Em boa parte da guerra, o Papa se manteve em Avinhão, onde ficou sob a proteção da França. Esse acontecido aumentou ainda mais a inimizade dos ingleses em relação ao papado. Durante o Grande Cisma, período em que a Europa se dividiu e elegeu dois papas, alianças que

foram firmadas durante a Guerra dos Cem Anos estabeleceram qual papa cada país apoiaria. A guerra em si já dificultou muito o término do cisma, além disso, na França, na Inglaterra, na Escócia e também em outros estados guerreiros, fortaleceu-se o sentimento de nacionalismo, o que fez com que o papado tivesse que abandonar sua pretensão de uma autoridade universal (GONZALEZ, 2011, p. 462).

Delumeau também tem um parecer importante sobre as causas da Reforma:

“Se tantas pessoas na Europa, de níveis culturais e econômicos diferentes, optaram pela Reforma, foi por esta ter sido em primeiro lugar uma resposta religiosa a uma grande angústia coletiva. A Guerra dos Cem Anos, a Peste Negra, numerosas crises, a loucura de Carlos VI, o Grande Cisma que se prolongou durante trinta e nove anos ante a estupefação indignada do mundo cristão, as guerras das Duas Rosas, as guerras hussitas, o desaire do grande Estado borguinhão com a morte trágica de Carlos o Temerário, a ameaça turca crescente contra a qual se põem a rezar todos os dias recitando o *Ângelus*: tantos acontecimentos que abalaram e desorientaram os espíritos.” (...) (DELUMEAU, 1989, p. 60).

Podemos ver a Reforma Protestante como uma sucessão de episódios que deram outro formato para a estrutura religiosa do continente europeu. A hegemonia do Papa se quebrou e acabou com o monopólio do catolicismo. Anteriormente, o Ocidente era o único detentor da salvação. Posteriormente, esses episódios usaram suas diferenças para dar outra forma à diversidade da expressão religiosa cristã nos continentes das Américas, Ásia e África. Do ponto de vista da religião e da ideologia, a Igreja Católica tenta designar esses episódios como seitas que apareceram pela ruptura, mostrando as principais características do grupo que são objeto de divisão. Do ponto de vista histórico, devemos considerar a formação da monarquia estatal quando eclodiu a Reforma, mas para isso é necessário compreender a relação entre a Igreja e o Estado Medievais.

A descentralização do poder político na Idade Média atraiu diretamente a atenção dos aristocratas feudais e católicos. A Igreja Católica não só atendeu às necessidades espirituais dos cristãos por meio de seus bispos mas, em primeiro lugar, cuidou dos interesses feudais de suas respectivas dioceses. Na Baixa Idade Média, especialmente no século XIV, uma série de fatores políticos e econômicos começou a minar a Igreja Católica e o plano de descentralização da aristocracia feudal. A revitalização comercial, o fluxo livre de pessoas, especialmente de mercadorias, e o fortalecimento da burguesia levaram a mudanças nas regras da vida política, que inevitavelmente centralizaram o poder. (MORAES, 2017, pp. 13-20).

A centralização do poder era o *slogan* da época, por isso foi necessário exercer um papel e um comando no Estado-nação. Além de abolir os costumes internos, a burguesia também espera equilibrar o sistema de pesos e medidas e o sistema tributário de acordo com seus interesses, ou

seja, a vitalidade de seu crescimento e de suas atividades. Com a centralização do poder político nas mãos do rei e o estabelecimento de um moderno Estado que se seguiu, os costumes feudais restantes começaram a se "desmantelar". É claro que os costumes feudais eram prejudicados por esses projetos públicos. Os nobres, e é claro o catolicismo, começaram a sentir que seu fabuloso poder político estava sendo "enfraquecido". Com o enfraquecimento do poder da igreja, essa nova ordem política fortaleceu o poder político do monarca e, por fim, criou as condições necessárias para o nascimento da reforma religiosa. Depois que a Reforma começou, as pessoas acreditaram que a religião havia entrado em colapso internamente e não havia necessidade de conflitos externos envolvendo a monarquia constitucional. (MORAES, 2017, pp. 13-20).

II. LUTERO E A REFORMA ALEMÃ

Lutero nasceu em uma família humilde por volta do ano de 1483. Durante a sua infância sofreu bastante com a pobreza e falta de afeto por parte de seus familiares. Ele aprendeu a ler e a escrever sob disciplina rigorosa. Quando atingiu seus quatorze anos foi para a cidade de Magdeburg a fim de encontrar uma escola melhor. Sofreu bastante nesta cidade, ficou doente e precisou até mendigar o pão. Depois de um ano voltou para casa e depois seguiu para Eisenach onde encontrou uma senhora chamada Úrsula Cotta que o tratou muito bem e o ajudou durante o tempo que ficou nesta cidade. Em 1502 obteve o grau de bacharel e, em 1505, um mestrado (FEBVRE, 2012, pp. 27-29).

Após um episódio místico que aconteceu com ele, Lutero abandonou seus estudos para advogado e fez a opção de entrar para o convento. Tinha muitas dúvidas em seu coração a respeito da salvação mas nada ou ninguém conseguia ajudá-lo a encontrar a paz tão desejada. Para Lutero, Deus era terrível, implacável e vingativo e até mesmo o ambiente em que vivia se mostrava austero. A cristandade daquela época não atendia aos apelos de corações sedentos de misericórdia e paz. Lutero era um deles, de sorte que buscava incessantemente a certeza de salvação. Apareceu na vida de Lutero um homem de alma compassiva, o Dr. Staupitz que era vigário-geral dos agostinianos de toda a Alemanha no século XVI. Compadecendo-se do amigo, lançou-o ao trabalho, para que ocupasse sua mente e abandonasse sua consciência pesada. Desta forma, Lutero iniciou um curso sobre a Ética de Aristóteles, ao mesmo tempo em que avançava em seus estudos na Escola de Teologia. (FEBVRE, 2012, pp. 29, 31-32).

Alemanha de 1517 e o início da Reforma Alemã

No século XVI, a Alemanha não se constituía em um país sob o comando de um único líder, era dividida e seus costumes e vivências eram bem medievais. Alguns outros lugares da Europa por sua vez, na mesma época, já estavam bem mais estruturados. Cada país tinha seu

rei, e estes eram bem hábeis para enfrentar conflitos e também eram capazes de se unir para somar esforços quando a crise era grande. (FEBVRE, 1978. pp. 81-82).

A Alemanha era composta por regiões lideradas por príncipes, porém, todos tinham acima de si um imperador que na época não era a pessoa ideal para ocupar o cargo, uma vez que era uma pessoa sem autoridade, não possuía riqueza e também não era influente entre a nobreza e príncipes. Não havia união para a tomada de decisão mas todos os príncipes eram muito poderosos e ricos. Já os camponeses eram pessoas humildes que não tinham estudo e por isso lhes faltava compreensão para muitas decisões que a maioria dos príncipes gostaria de tomar a respeito da unificação do país. (FEBVRE, 1978. pp. 83-84).

Devido à fragilidade cultural dos camponeses, eles eram pessoas muito dependentes, ora estavam dependendo de algum príncipe, ora de algum fidalgo, que se aproveitavam da debilidade deles para os ultrajar e despojar. É de se notar que de um lado estavam os nobres com toda pompa e orgulho de sua capacidade para os negócios e a prosperidade em que viviam, e de outro lado os camponeses em toda sua miséria e debilidade, de sorte que não havia acordo naquele momento para decisões importantes para o país (FEBVRE, 1978. pp. 83-85).

Devido a esta situação do território germânico e o conflito cotidiano entre seus habitantes, como pensar em desenvolver uma Reforma e conseguir levá-la a um patamar de discussão sobre questões importantes com relação à religião daquela época? Na opinião de Febvre, para que se pudesse pensar em uma Reforma dever-se-ia primeiro pensar em alguém influente ou, como ele mesmo disse, um gênio da política, um verdadeiro reformador (FEBVRE, 1978. pp. 84-85).

No final de 1510, Lutero precisou fazer uma viagem a Roma para tratar de assuntos da ordem dos agostinianos. Ele estava motivado e esperançoso. A Roma daquela época era considerada a capital das jornadas distintas, dos heróis da fé cristã, sede forte da cristandade, nação global dos fiéis, casa grandiosa do clérigo de Deus, como bem explicita Febvre (2012, p. 32). Porém, o que Lutero encontrou lhe trouxe grande decepção. Encontrou a Roma dos Bórgias, uma Babilônia insensível, meretrizes, desordeiros, um clero simoníaco sem fé nem moral. Lutero regressou à Alemanha pesaroso, seu coração pulsava com um nojo secreto do que viu e que Febvre chama de a Grande Prostituta (2012, p. 32).

Lutero, com timidez e humildade, escondia dentro de si grande vergonha mas procurou recobrar sua vida com tranquilidade para reflexão, oração, ensino e prédica. Seu amigo Staupitz desejava ceder-lhe sua cadeira na universidade, de sorte que o nomeou como subprior dos agostinianos de Wittenberg e fez com que ele concluísse sua graduação em teologia. Como doutor que era, iniciou estudos para dois cursos que ministrou na universidade, um sobre Salmos

e outro sobre a Epístola aos Romanos. Suas funções docentes se alongaram por aproximadamente trinta anos (FEBVRE, 2012, p. 33).

Gradualmente Lutero vai conseguindo vencer sua timidez e também o medo que sentia de se opor a qualquer movimento da Igreja. Diante dessas circunstâncias difíceis que se apresentam para o seu trabalho religioso, Lutero criou para si próprio uma teologia particular, como bem define Febvre (2012, p. 33). Na verdade, é difícil conhecer qual seria essa teologia de Lutero, porque os historiadores da época não se preocuparam em nos deixar materiais antigos sobre o tema. O historiador Kuhn, por exemplo, nada menciona sobre quais eram as ideias religiosas de Lutero, desta forma, quando aparecem as indulgências, não sabemos quais eram os sentimentos de Lutero, uma vez que já eram bem definidos.

Como já foi dito anteriormente, Lutero tinha várias questões não resolvidas a respeito de Deus e de sua justiça e, neste momento, andava triste, pensando sobre o texto bíblico escrito por Paulo: “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá pela fé” (Romanos 1:17 ACF), quando por fim, meditando, seu espírito iluminou-se e compreendeu que a justiça da qual Paulo falava era a justiça do Evangelho, a justiça do justo a qual é dom de Deus para aquele que crer, e através dessa fé viva o próprio Deus por Sua graça e misericórdia nos justifica (FEBVRE, 2012, pp. 33-35).

Em 1517 estourou um escândalo de grandes proporções para a igreja, porque o papa outorgou indulgências para Albrecht de Brandenburgo³, indulgências estas que eram pregadas e vendidas, à vista de todos, e a pregação era que com dinheiro todo e qualquer tipo de pecado seria apagado. Lutero contemplava o cinismo de Albrecht e o ambiente de negócios que se instalou na Alemanha e que contava com a aprovação de todos que vestiam o hábito religioso. Isto o fez indignar-se com aquela situação que se mostrava totalmente contra os valores cristãos e à Bíblia. Neste momento, Lutero levantou-se para defender os valores cristãos e os escritos das Sagradas Escrituras. Sua voz ecoava e em pouco tempo tornou-se revolucionário, apareceu em público para afirmar suas convicções, e alertar o povo sobre a justiça de Deus, com a qual o justo pode viver quando tiver fé. Lutero passou a anunciar para as multidões que Deus concedia graça e alegria de viver e que não era necessário comprar nenhuma indulgência para receber Dele suas misericórdias. O papa e o imperador tentavam impedir Lutero, mas este só fazia crescer. Em 1521, na dieta de Worms, esteve Lutero diante do César germânico e do pontífice romano que tentavam de toda forma intimidar Lutero para que este se retratasse de suas palavras e dos muitos livros que havia escrito; mas, Lutero, mantendo sua consciência e

³ Albrecht de Brandenburgo: jovem de 23 anos que, em menos de dois anos, recebeu o arcebispado de Magdeburgo, o bispado de Halberstadt e o arcebispado de Mogúncia.

suas convicções, disse: “Retratar-me do que quer que seja não posso nem quero... pois agir contra a própria consciência não é seguro nem honesto” (FEBVRE, 2012, pp. 35-36).

III. LUTERO E A REVOLTA DOS CAMPONESES

A divisão instalada no território germânico naturalmente provocava diferenças

mercantis e industriais. Havia muita falta de informação, de sorte que um conjunto de cidades tão diversificado não conseguia se unir em torno de uma mesma ideia. Quando a revolução política e religiosa da Reforma foi divulgada todos ficaram sabendo, o que fez com que todo o território alemão fosse dividido em três grupos: católico, luterano e revolucionário. No entanto também havia aqueles que não abraçaram nenhuma dessas convicções, de maneira que essa divisão não foi muito eficiente no aspecto de solucionar problemas e não aprofundá-los. (ENGELS. 1977. p. 37).

No século XVI as guerras que foram travadas, chamadas de religiosas, tratavam principalmente de questões materiais e de classe, questões internas da Alemanha, e envolveram os camponeses que procuravam condições melhores de vida e de trabalho. Essas guerras também envolviam questões religiosas, notadamente a Reforma cristã proposta por Lutero que refutava as indulgências emitidas pelo Papa e as demais questões religiosas. A objeção contra o feudalismo surge durante toda a Idade Média. As questões que podem ser notadas são misticismo, heresia e resistência armada. Durante esse período aparece Thomás Münzer que trabalhou com essas questões e se tornou um revolucionário (ENGELS. 1977. pp. 38-39).

Thomás Münzer nasceu em Stolberg, na montanha de Harz, aí por 1498. Parece que seu pai morreu enforcado, vítima da arbitrariedade dos condes de Stolberg. Com a idade de 15 anos, aluno da escola de Halle, fundou uma liga secreta contra o arcebispo de Magdeburgo e a Igreja romana. Sua erudição teológica, cedo lhe valeu o título de doutor e o lugar de capelão em convento de monjas. Já então tratava com o maior desprezo os dogmas e ritos da Igreja. Dizendo missa, omitia as palavras da transubstanciação e, como diz Lutero, comia os Deuses sem consagrar. (...) Na Reforma e agitação da época, Münzer via o princípio do novo reino milenário, o juízo de Deus sobre a Igreja degenerada e o mundo corrompido que havia descrito o Calabrês. (...) Em 1520 foi para Zwickau como primeiro pregador evangélico. (...) começou a reformar o culto. Suprimiu completamente o uso do latim, antes de Lutero se atrever a fazê-lo, deixando que se lesse a Bíblia inteira e não somente as epístolas e evangelhos de rigor no culto dominical. (...)

Münzer continuava sendo o teólogo; seus ataques dirigiam-se quase exclusivamente contra o clero. Porém não propugnava a discussão pacífica e o progresso legal como já o fazia Lutero. Saiu, pelo contrário, pregando a violência, conclamando os príncipes saxões e o povo à intervenção armada contra os padres romanos. (...) As ideias de Münzer tornaram-se mais precisas e mais audazes e Münzer separou-se da Reforma burguesa fazendo-se agitador político. (ENGELS. 1977. pp. 46-48).

As doutrinas e normas da igreja eram questionadas, uma vez que estas atingiam diretamente suas vidas, o próprio Bocaccio⁴ nos faz entender a discórdia que havia quanto ao celibato.

⁴ Giovanni Boccaccio. (Florença ou Certaldo, 16 de junho de 1313 — Certaldo, 21 de dezembro de 1375) foi um poeta e crítico literário italiano, especializado na obra de Dante Alighieri. Filho de um mercador, Giovanni

Arnaldo de Brescia⁵, na Itália e Alemanha, os Albigenses⁶ no sul da França, João Wyclif na Inglaterra, João Huss e os calixtinos⁶, na Boêmia, foram importantes representantes desse caminho. (ENGELS. 1977. pp. 39-40).

Os camponeses, de maneira geral, eram pessoas muito sofridas. Eram pobres e suas condições de vida eram terríveis. Durante determinado período estavam fornecendo mercadorias para as cidades, de sorte que começaram a ter esperanças de vida melhor e que pudessem obter a sonhada emancipação dos senhores feudais. A situação da época estava em transição, um camponês poderia fugir de seu senhor feudal quando este não o quisesse libertar. Devido a essa situação transitória, a opressão já não era mais o grande problema na vida dos camponeses, o maior problema era a situação que estava mudando e o novo cenário de crescimento urbano não era favorável a eles. (BLOCH. 1973. p. 43).

Havia também certa situação que era comum na época: um homem livre de cidades emancipadas torna-se “protegido” de um senhor poderoso e capaz, a fim de que este defendesse o homem livre em certas situações de ordem civil ou jurídica. Por esta “proteção” o homem livre teria que pagar ao seu protetor o que chamaram de dízimo. O pagamento do dízimo era compulsório e estava sendo cobrado cada vez mais de forma violenta e bárbara. O que se pode depreender dessa situação, é que esse homem que se achava livre, afinal, não era tão livre assim. (BLOCH. 1973. pp. 43-44).

Dessas situações apresentadas, depreende-se que a situação dos camponeses não era de forma alguma favorável a eles. Estavam sempre em desvantagem, porque não conseguiam suprir a necessidade de riqueza e poder dos senhores feudais. Diante dessa situação insustentável, os camponeses não estavam mais aguentando tamanho jugo, de sorte que a ira foi crescendo dentro deles. Começaram a se reunir em vales isolados, saíam em grandes grupos das florestas, e os senhores, ao terem conhecimento desse movimento, sentiam temor do que

Boccaccio não se dedicou ao comércio como era o desejo de seu pai, preferindo cultivar o talento literário que se manifestou desde muito cedo. Foi um importante humanista, autor de um número notável de obras, incluindo Decamerão, o poema alegórico onde ele descreveu a confusão de costumes que reinava entre padres e monges. O "Decamerão" fez de Boccaccio o primeiro grande realista da literatura universal.

⁵ Arnaldo de Bréscia (Bréscia, 1090 ou 1105? — Roma, 1155), também conhecido por Arnaldo da Brescia, ou simplesmente por Arnaldus foi um monge católico e reformador religioso. Ele exigiu que a Igreja renunciasse a seu direito de ter propriedades. Exilado por pelo menos três vezes ao longo da vida, ele foi capturado e enforcado por ordens do Papado, tendo seu corpo posteriormente queimado e suas cinzas jogadas no rio Tibre. Apesar de ele ter falhado como reformador e líder político, seus ensinamentos sobre pobreza apostólica ganhou proeminência após sua morte. Muitos o colocam como um dos precursores da Reforma Protestante. ⁶

Albigense - pregavam uma vida ascética e contemplativa. Os que a seguiam eram denominados "Perfeitos" e considerados uma espécie de herdeiros ou continuadores das práticas dos apóstolos, tendo o poder de absolver dos pecados através da cerimônia do *consolamentum*.

⁶ Calixtinos – eram camponeses que apregoavam uma vida de trabalho manual agrícola, retirada do convívio social e político e de uma Igreja despojada e despreziosa neste mundo.

pudesse acontecer, já que essa situação perdurava desde o ano 1300. Em 1380 aconteceu a rebelião de Jacquerie⁷, muito violenta tanto por parte dos camponeses como dos nobres. Tudo isso, fez com que o território germânico despertasse e também todo o século XV que foi tomado por revolta de camponeses.

A reforma luterana burguesa e moderada envolveu a nobreza, a burguesia e também uma parte dos príncipes que queriam prosperar tomando os bens do clero, e se utilizaram do momento para formar fortuna. Ao mesmo tempo, o grupo católico conservador, esforçava-se para manter tudo o que já existia, quer dizer, não queriam dispor das regalias as quais já desfrutavam.

Camponeses e plebeus estavam se organizando e, em decorrência disso, fundaram o partido revolucionário. Um de seus líderes foi Thomás Münzer, o mais afoito e revolucionário de todos. Quando Lutero precisou enfrentar as normas e as instituições da Igreja católica, suas objeções e questionamentos não estavam bem estabelecidos. Era necessário pensar em todos os itens oposicionistas e também apresentar todas as heresias que estavam sendo praticadas para a interpretação católica. Num primeiro momento, Lutero se deixou levar por toda impetuosidade de sua condição de camponês robusto (ENGELS. 1977. pp. 42-43).

O povo alemão finalmente se pôs se em movimento. De um lado estavam os burgueses e grande parte da nobreza e de outro lado estavam os camponeses e plebeus que colocavam suas solicitações contra os padres sobre a liberdade cristã. Uns queriam abater o poder dos sacerdotes para enriquecer, aproveitando-se da situação e confiscando os bens da Igreja. Outros, no caso os camponeses e plebeus, acreditavam que finalmente havia chegado o momento de ajustar as contas contra seus opressores. Lutero, diante dessa situação, precisou optar por um dos lados da revolta, e não ficou do lado dos camponeses, colocou-se ao lado do grupo dos nobres. Deixou para trás os seus princípios inicialmente manifestados, propôs uma revolução pacífica e de resistência passiva. Acreditava que o Evangelho não havia se estabelecido pela violência, vertendo sangue. O mundo quando evangelizado foi tomado pela palavra, a Igreja foi criada pela palavra e pela palavra renasceria e o Anticristo cairia sem violência uma vez que tudo foi alcançado sem ira, este era o pensamento de Lutero. (ENGELS. 1977. p. 43).

Desde que Lutero definiu qual seria o seu lado, iniciou-se um debate sobre se deveriam reformar ou conservar as doutrinas e instituições que já haviam até aquele momento, inclusive aquelas assembleias que eram insuportáveis, regalias, fofocas e outros ajustes, o que resultou na “confissão de Augsburgo”, como se consagrou a norma da igreja burguesa reformada. Em resumo, repetiu-se o mesmo sistema que eram discutidos nas assembleias nacionais alemãs, nas

⁷ *Jacquerie* é um termo utilizado para designar revoltas camponesas de cunho violento por parte dos revoltosos, que geralmente eram respondidas por igual brutalidade por parte dos nobres.

assembleias de convênio, nas câmaras de revisão e nos parlamentos de Erfurt. Nessas reuniões, o caráter extremamente burguês da reforma oficial apresentou-se. E, Lutero, como reformador, tinha razões para aprovar esse avanço. As cidades, em sua maioria, concordavam com a reforma, a nobreza, parte dos príncipes. Em grande parte da Alemanha estava quase confirmado o triunfo dessa reforma. Todavia, o objetivo do movimento revolucionário era romper a luta entre o partido moderado e os extremistas plebeus e camponeses. Caso isso se confirmasse, os príncipes, a nobreza e muitas cidades se separariam da revolução, e o partido burguês seria derrotado pelos camponeses e plebeus; a reação católica, no entanto, poderia destruir todos os partidos revolucionários (ENGELS. 1977. pp. 43-44).

Qualquer modificação que se confirmasse, diante da situação social e política da época, terminaria em proveito dos príncipes, aumentando seu poder. Quanto mais estes se separavam de elementos camponeses e plebeus, mais se aproximavam da reforma burguesa. Engels disse: “O próprio Lutero acabou sendo seu servo e o povo sabia perfeitamente o que fazia quando disse que Lutero se tinha convertido em laçao dos príncipes, e quando o apedrejaram em Orlamünde”. Lutero apresentou-se conciliador, nas regiões em que a guerra camponesa rompeu, onde príncipes e a nobreza eram em sua maioria católicos. Colocou-se contra os governos atribuindo-lhes a culpa pela revolução, uma vez que a opressão que exerciam foi o estopim. Para ele, não eram os camponeses que opunham resistência, mas, o próprio Deus. Por outro lado, a revolução também era contrária ao Evangelho. Por fim aconselhou ambas as facções a fazerem concessões mútuas a fim de se reconciliarem (ENGELS. 1977. pp. 44-45).

Apesar de Lutero tentar mediar o conflito, a revolução estendeu-se rapidamente para as regiões protestantes governadas por príncipes e senhores feudais. A revolução levou confusão à Reforma burguesa. Fixaram seu quartel-general na Turíngia, onde vivia Lutero, e eram liderados por Münzer. Alguns êxitos e o fogo tomariam conta da Alemanha. Lutero seria preso e considerado traidor. A Reforma burguesa estava sendo levada pela maré da revolução camponesa e plebeia, não havia tempo para hesitações. Diante da revolução, as costumeiras aversões foram esquecidas. Comparados aos bandos camponeses, os servidores de Roma podiam ser considerados como cordeiros mansos, filhos de Deus inocentes. Lutero aliou-se ao Papa contra os grupos assassinos de camponeses ladrões (ENGELS. 1977. p. 45).

Lutero traduziu a Bíblia para o alemão e isso gerou um importante precedente ao movimento plebeu e camponês, porque viram que na Bíblia o cristianismo primitivo se apresentava muito simples nos primeiros séculos em contraste com o cristianismo feudal da época. Nesse tempo a sociedade feudal já se encontrava em deterioração, de sorte que a tradução da Bíblia constitui-se de ferramenta importante e foi efetivamente usada pelos camponeses contra os príncipes, a nobreza e o clero. Tempos depois Lutero também se utilizou da Bíblia contra os camponeses, procurando justificar que as autoridades são, de certa forma, constituídas

por Deus. Utilizando-se do texto sagrado argumentava sobre a atuação da monarquia, dizendo que a obediência deveria ser passiva e até a servidão também caberia dentro do contexto bíblico.

Lutero, reformador burguês, opunha-se a Münzer, revolucionário plebeu.

Sua doutrina teológica e filosófica não somente atacava os princípios do catolicismo como também se voltava contra o cristianismo em geral. Sob as formas cristãs, Münzer ensinava um panteísmo que se assemelha estranhamente às modernas teorias especulativas, avizinhandose algumas vezes do ateísmo. Negava à Bíblia o caráter de revelação única e infalível. A verdadeira revelação, a revelação viva, é a razão humana que existiu e existe em todos os povos. Opor a Bíblia à razão significa matar o espírito pela letra. O Espírito Santo, de que tanto nos fala a Bíblia, não existe fora de nós; o Espírito Santo é a própria razão. A fé não é mais que o despertar da razão no homem e por isso os pagãos podem ter fé. A fé, a razão chamada à vida, diviniza e santifica o homem. O céu não é coisa do além. Temos que procurá-lo mesmo nesta vida; ao crente compete a missão de estabelecer esse céu, o reino de Deus sobre a terra. Assim, depois da morte não há céu nem tampouco inferno ou condenação eterna. E não há outro diabo senão a cobiça e concupiscência dos homens.

Cristo foi homem como nós, um profeta e mestre, cuja ceia não é mais do que um banquete comemorativo onde se toma pão e vinho sem nenhum adorno místico.

Essa foi a doutrina de Münzer, dissimulada sob uma fraseologia cristã através da qual teve de esconder-se durante algum tempo. Porém, através de seus escritos, aparecem seus pensamentos arqui-heréticos e se vê que o adorno bíblico era muito menos importante para ele do que para certos discípulos de Hegel em tempos recentes; não obstante, três séculos os separam. (ENGELS. 1977, p. 48).

Os camponeses não estavam tendo vitórias em suas revoltas, seus dias passaram a ser mais terríveis do que antes com tortura, força, espada, fogo roda, vazamento de olhos, arrancamento de dentes, e outros suplícios; todos esses atos cometidos contra eles ajudaram o campesinato a aquietar-se.

(...) foi Münzer entregue, como presa de guerra, ao seu mais sério e irado adversário, o conde Ernst von Mansfeld, lançado em seguida na mais sólida torre do castelo de Heldringen, lá brutalmente torturado, sem que se conseguisse arrancar senão curtas e fragmentadas confissões insignificantes. Ele forneceu apenas generalidades da sua vida, as quais, de resto, foram expostas e fixadas em protocolo, de modo feroz, ocasional, sem espírito, para decepção de Lutero, que lamentou a teimosia de Münzer, e de Melancton, que com prazer teria desejado melhores esclarecimentos sobre a teologia de Münzer, em tal conveniente oportunidade. Por fim certamente Münzer escreveu uma carta à comuna de Mühlhausen, na qual ele não só descarregava todo o peso e fardo mundano da sua alma, como também continha todas as espécies de sinais de um passageiro desencorajamento, a menos que se ponha em dúvida a autenticidade desta carta, ditada e não escrita pelo próprio Münzer. Agora, porém, já circulam muitas versões imprecisas a respeito da

redação da carta: tais como, o próprio Münzer, que há pouco se dirigia ao duque de Georg, em *confiante* tom cortês, tratando-o como irmão dileto, de modo igual ao recíproco tratamento dos Príncipes, e, de um dia para outro, tenha endereçado um servil “apelo aos seus juízes”, ou que Münzer, mesmo sem se levar em conta a mais íntima inverossimilhança de tal conversão, tenha recuado para as formas da confissão católica, como se fosse o católico duque Georg o mais poderoso, dentre os que julgavam Münzer e que se preocupavam pela salvação da sua alma, e não Philipp, o protetor evangélico. Tais ambíguos antecedentes também tornam assim verossímil que Münzer não tenha exortado o conselho e a comuna de Mühlhausen, no sentido de renunciar à rebelião e implorar misericórdia aos Príncipes, e sim que os próprios Príncipes aqui abusaram do nome de Münzer, para despertar a frustração na cidade imperial, uma frustração tão útil, quanto, dois dias após a redação da duvidosa carta, principiou o cerco de Mühlhausen, como se discutível artimanha bélica. (,,) Münzer, porém, que também foi trazido para Mühlhausen em fins de maio de 1525, para vir a ser decapitado, não esteve sequer em condições de negar o credo, por medo de morrer, segundo a história melanchtoniana, pelo que o duque de Heinrich von Brunswick teve de dizê-lo, em voz baixa, enquanto ele o repelia. (...) (BLOCH. 1973, pp. 73-74).

A viúva de Münzer estava grávida e foi abandonada, ultrajada, literalmente na miséria. Ela escreveu uma carta endereçada ao duque Jorge, na qual se apresenta completamente abatida: “É, portanto minha humilde súplica, que Vossa alteza principesca queira considerar minha grande miséria e pobreza. Também chegou aos meus ouvidos que Vossa alteza principesca é de boa opinião que devo retornar ao convento; para isto lhe peço, pois, graças”; ela assinou a carta com o seu nome de solteira Odile von Gersen. (BLOCH, 1973, p. 76).

A família de Münzer precisou ocultar-se e até modificar seu nome para Münzel, devido à vergonha civil e perseguições que se seguiram aos descendentes de Münzer. Os camponeses foram dizimados, tornaram-se criaturas extorquidas, sofriam de escorbuto, enfim, uma vingança total, arrasadora; as casas dos camponeses foram saqueadas, levaram toda a mobília, outras foram transformadas em estrebaria. A situação dos camponeses merecia compaixão, a batalha de Frankenhause⁸ foi extremamente sangrenta, e, eles não saíram vitoriosos, foi uma batalha muito decisiva. Ao final da batalha, os camponeses que conseguiam arrastar-se para voltar pra casa, quando chegaram a encontraram duplamente desgraçada e empobrecida. (BLOCH, 1973, pp. 76-77).

⁸ A Batalha de Frankenhause foi travada em 15 de Maio de 1525 sendo o ato final da Guerra dos Camponeses Alemães. As tropas conjuntas do Landgrave Filipe I de Hesse e do Duque Jorge da Saxônia derrotaram os camponeses sob seu líder anabatista, Thomas Münzer, próximo à cidade de Bad Frankenhause, na cidade de Schwarzburg.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os fatores que desencadearam a Reforma Protestante, e este trabalho fala sobre alguns. Estes fatores foram importantes porque desencadearam um resultado que já era procurado há alguns anos. A Europa daquela época passava por mudanças, tanto na área civil, como na política e também na religiosa. Fatos mencionados aqui fizeram com que muitas posturas mudassem diante de novos cenários que se apresentaram e foram marcantes na condução da vida.

Há muitos momentos da Peste Negra. A grande manifestação da Peste Negra é ainda no final da Idade Média, depois tivemos surtos que ocorreram por séculos na Europa. foi marcante na religiosidade das pessoas porque levantou várias questões sobre misticismo que antes não havia entre o povo. Houve muita morte, e isto fez com que as pessoas ficassem com medo e procurassem de alguma forma se apegar à sua religiosidade para serem livres do mal que assolava a terra. Outros, nem tanto, partiram para o outro lado questionando Cristo, colocando-o como juiz e não como um libertador misericordioso. A peste aflorou muitos lados que anteriormente não estavam desenvolvidos, principalmente nas questões religiosas.

A Reforma Luterana eclodiu numa época em que as pessoas estavam cansadas dos desmandos da Igreja Romana. Lutero por sua conduta e caráter, por assim dizer, talvez não fosse a pessoa ideal para comandar tal feito. Lutero era tímido, um pouco medroso, e devido às suas questões não resolvidas com Deus a respeito da salvação demorou a entender qual deveria ser sua atitude diante das atrocidades que a Igreja vinha cometendo sem que ninguém se manifestasse contra, ou que tivesse argumentos bíblicos para refutar determinadas atitudes contrárias à Lei de Deus. No entanto, chegado o momento Lutero se levantou, escreveu suas noventa e cinco teses, que depois foram traduzidas para o alemão e puderam ser entendidas por todas as pessoas da Alemanha.

A tradução da bíblia para o alemão também ajudou a Reforma. A Igreja Romana contestava Lutero. Ele, porém, permaneceu firme em suas convicções quanto a defender as Escrituras Sagradas, e aquilo que se entendia ser o verdadeiro Evangelho de Deus.

A revolta dos camponeses se desencadeou também por questões religiosas de sorte que a Reforma Luterana foi firmada com muita guerra e sangue derramado. Os camponeses há tempos estavam insatisfeitos com o andar de suas vidas, a miséria em que viviam, sempre dependendo e esperando por alguém que os ajudasse. A Igreja na época não os ajudou em suas questões para melhorar suas vidas miseráveis. De sorte que começaram a se organizar para conseguirem melhores condições de vida para si e suas famílias. Estavam cansados de trabalharem muito e não receberem nada, porque o feudalismo não se contentava nunca, estava sempre querendo mais e mais.

Lutero não se posicionou ao lado dos camponeses quando a revolta já estava implantada. Inicialmente ele não soube muito bem como deveria proceder, ficou ao lado dos camponeses, mas quando a revolta realmente aconteceu e se constituiu de uma guerra verdadeiramente, ele mudou de lado, alegando que mudanças deveriam ser implantadas através do diálogo, da palavra. Ele achava que os camponeses não deveriam se revoltar, e sim conversar para acertar um ponto de equilíbrio entre os senhores feudais, a Igreja e os camponeses. Ocorre que isso não deu certo e Lutero preferiu deixar os camponeses morrerem sem o seu apoio. Ele se colocou ao lado dos nobres alemães abandonando seus compatriotas.

Infelizmente, para os camponeses toda essa revolta não produziu nenhum resultado positivo, ao contrário, perderam o que tinham e ainda passaram a ser torturados das formas mais absurdas possíveis, atitudes muito medievais. E para eles a situação final ficou bem pior do que a inicial. Muitos morreram e os que conseguiram se arrastar até suas casas, muitas vezes não encontraram mais nada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gabriel Vieira da Silva. FERNANDES, Fabiana Perpétua Ferreira. *Impacto da Peste Negra na Europa*. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/UFG. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/TCEM2014-HistoriaGabrielVieiraSilvaAlves.pdf>. Acessado em 24.3.2021. 14:42 hs.

BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (Org.). *Reforma 500 Anos – Revisitando a História – impactos sociais, políticos e culturais*. São Paulo. Ed. Reflexão. 2017.

BLOCH, Ernest. *Thomas Münzer, teólogo da revolução*. Rio de Janeiro. Ed. Edições Tempo Brasileiro. 1973.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos. Uma história da igreja cristã*. 3ª edição. São Paulo. Ed. Vida Nova. 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental, vols. 2 e 3. A Idade Média por Carpeaux*. Rio de Janeiro, LeYa, 2012.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e Afirmação da Reforma*. São Paulo. Ed. Pioneira. 1989.

ELÍSIOS, Milena. *Após pessoas matarem gatos, ratos se proliferaram e peste matou milhões*. Publicado em 4 de janeiro de 2020. Disponível em <https://socioficial.com.br/gatospeste-negra/>. Acessado em 30.03.2021. 17:10 hs.

ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo. Ed. Grijalbo. 1977.

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Três Estrelas, 2012.

FEBVRE, Lucien. A Alemanha de 1517 e Lutero. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Lucien Febvre - História*. São Paulo, Ed. Ática, 1978.

GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo*. Volumes 1 e 2. 2ª edição revisada. São Paulo. Ed. Vida Nova. 2011.

KELLY, John. *A grande mortandade*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. 2011.

LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. 1ª edição. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2017.

MORAES, Gerson Leite de. A convergência de Fatores para a Eclosão das Reformas Protestantes. In: BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (Org.). *Reforma 500 Anos – Revisitando a História – impactos sociais, políticos e culturais*. São Paulo. Ed. Reflexão. 2017.

PSZCZOL, Eliane. VAITSMAN, Heliete (orgs). *Antissemitismo, uma obsessão. Argumentos e narrativas*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Numa Editora. 2020.

QUÍRICO, Tamara. *Peste Negra e escatologia: os efeitos dão expectativa de morte sobre a religiosidade do século XIV*. Mirabilia: jornal eletrônico da antiguidade e da idade média, [online], 2012, nº 14, pp. 135-5. Disponível em <https://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283109>. Acessado em 25.3.2021. 8:05 hs.

SILVA, Daniel Neves. *O que é antissemitismo*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-antissemitismo.htm>. Acesso em 01 de abril de 2021. 18:04hs.

SILVA, Victor Deodato da. *A Peste na História: Enfim uma Síntese atual!* Revista de História. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/76311/80029>. Acessado em 24.3.2021, 14:08 hs.

WACHHOLZ, Wilhelm. “*Se é permitido fugir diante da ameaça de morte*” – *Lutero e a epidemia da peste em Wittenberg*. Estudos Teológicos. São Leopoldo. v. 60. n. 2. p. 372-389. maio/agosto 2020. Disponível em http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4004/pdf. Acessado em 16.3.2021, 14:36 hs.